

## **Ensaio excêntrico: ensinando e escrevendo uma história da arte de alcance mundial a partir da Universidade do Estado do Rio de Janeiro<sup>1</sup>**

Roberto Conduru

Desde 2006, um grupo de professores do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Brasil, tem desenvolvido um projeto de história da arte de alcance mundial a partir do curso de graduação em História da Arte da UERJ. Em 2009, o projeto foi implementado. Em conexão a este projeto, um grupo maior formado em 2008, composto por professores do Brasil Portugal, França e Itália, assim como por estudantes de graduação e pós-graduação, organizou um seminário no Rio de Janeiro, em 2010, e publicou, no ano seguinte, o livro História da arte – Ensaio Contemporâneo.<sup>2</sup>

Nesse texto, inicialmente, será apresentado de modo sucinto o processo de constituição das instituições e dos cursos que culminaram no referido projeto curricular. Em seguida, serão explorados tanto os princípios e métodos quanto os resultados desta proposta brasileira para ensinar e escrever uma história da arte de alcance mundial.

O curso de História da Arte da UERJ é o mais antigo do Brasil.<sup>3</sup> Contudo, vale ressaltar que ser antigo no Brasil é, quase sempre, ser novo em relação a padrões de temporalidade de outras sociedades. Desde 1826, quando foi criada a Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro, outros cursos de artes foram criados em diferentes regiões do Brasil. Entretanto, cursos autônomos de formação em história da arte ainda demoraram mais de um século para aparecer.<sup>4</sup>

O primeiro curso de história da arte em nível superior do Brasil começou a ser ministrado apenas em 1961, no Instituto de Belas Artes, que fora criado apenas quatro anos antes.<sup>5</sup> A criação desta instituição e deste curso fizeram parte do processo de adaptação do sistema de instituições culturais do Rio de Janeiro, na conjuntura de transferência da Capital Federal daquela cidade para Brasília, realizada entre 1956 e 1960. A instituição e o curso estão entre as realizações empreendidas por segmentos dos

campos da Arte e da Educação para manter e ampliar a vitalidade cultural da cidade em um período de mudanças estruturais no país.

Esse quadro foi drasticamente revertido durante a ditadura militar que dominou o Brasil entre 1964 e 1985. Contrariamente ao contexto sociopolítico anterior, governos centralizadores determinaram processos que tentaram uniformizar consideravelmente os cursos de formação profissional no país, minimizando as diferenças entre as tradições regionais, por meio do cerceamento das iniciativas coletivas e individuais. Em 1973, o curso de História da Arte passou a ser de Educação Artística com habilitação em História da Arte. Da escola livre de artes onde fora criado, o curso foi transferido, em 1977, para a Uerj, na qual foi alocado na Faculdade de Educação.

Apenas em 1998, mais de uma década após o fim da ditadura, devido à ação de novos docentes e a estímulos da administração central da Universidade, teve início o processo de criação de uma unidade acadêmica autônoma dedicada às artes e de atualização do curso de História da Arte, que permanecera muito similar por mais de três décadas. Em 2002, após demorada tramitação nas diversas instâncias universitárias, foi criado o Instituto de Artes da Uerj e implantado um novo curso de História da Arte.

Pouco depois de o novo curso ter sido implantado, um novo currículo foi elaborado, em 2006. As contínuas mudanças processadas desde então devem-se a fatores externos e internos. Houve a necessidade de adequação dos currículos da Universidade a mudanças na legislação reguladora do ensino superior no país. Na primeira década do século XXI, o campo da história da arte no Brasil ganhou outra dinâmica com a criação de mais quatro cursos de formação de historiadores da arte.<sup>6</sup> Na Uerj, tem sido importante a experiência acadêmica mais autônoma no Instituto de Artes, o impacto da elaboração do curso de pós-graduação, que começou suas atividades em 2005, assim como a contínua renovação do corpo docente.<sup>7</sup>

Nesse longo e lento processo, apesar de o currículo ter sofrido alterações, com a mudança de designação de algumas disciplinas e o acréscimo de outras, pouco foram alterados os princípios que nortearam os cursos de história da arte anteriores. O curso criado em 1961, suas adaptações subsequentes e os cursos criados em 2002 e em 2006 concentravam-se na história da arte ocidental. Tendo seu foco central no panorama cronológico da arte na Europa desde a Antiguidade até o século XX, o currículo complementava-se com o estudo da arte produzida nos demais continentes, havendo uma

atenção particular à história da arte no Brasil. Modelo que, vale ressaltar, é observável também nos demais cursos de artes e de história da arte existentes no país.

Essa tônica foi alterada em 2007, quando uma parte do curso recém criado foi revista a partir de motivações internas. As ementas das disciplinas de História da Arte, que haviam sido pouco modificadas nos dois currículos anteriores, passaram por um processo radical de revisão. O grupo de professores do Departamento de Teoria e História da Arte, que continuava se alterando,<sup>8</sup> considerou a necessidade de modificá-las com base em outros princípios teóricos, historiográficos, artísticos e culturais. Essa revisão também respondeu ao desafio existente atualmente para a configuração de uma história da arte de alcance mundial, a partir de regiões e instituições outras que não as dominantes no campo da história da arte.

Segundo entendimentos de Arte e de História que recusam conteúdos pré-determinados e totalizações, foi elaborado um projeto de história da arte de alcance mundial que valoriza processos didáticos e historiográficos baseados em visões críticas e subjetivas.

O projeto é estruturado em torno de seis eixos conceituais: “Arte e cultura material”; “Arte, pensamento e forma”; “Arte e religião”; “Arte e política”; “Arte e sistema de arte”; “Arte e vitalidade”. No desdobramento de cada um destes eixos conceituais, esta proposta de história da arte que evitar a centralidade da arte ocidental, produzir conexões espaciais e temporais, minar narrativas totalizantes e problematizar os atos de ensinar e escrever história da arte, assim como as histórias da arte existentes, seus princípios, métodos, processos e realizações. O objetivo é produzir uma história da arte anti-historicista, livre de determinações cronológicas e geográficas.

O currículo discutido a partir de 2007 começou a ser implantado, experimentalmente, em 2009. Desde então, cada docente fica obrigado a interpretar a ementa da disciplina pela qual é responsável. Assim, é necessário decidir como, onde e quando focar cada curso, mas pode escolher livremente seus objetos e métodos. A princípio, é obrigatório apenas abordar a problemática sinalizada pelos conceitos que nomeiam cada disciplina analisando ao menos três contextos de espaço e tempo. À medida que a ementa é efetivamente interpretada e praticada, explicita-se a incessante alteração da disciplina. A ideia é, com essas ementas, configurar outro horizonte de possibilidades

para a história da arte, gerando uma abertura que cabe aos professores e estudantes consolidar e aprimorar.

Entretanto, se nessas novas ementas a arte de algum período ou região pode aparecer sempre e ser muito discutida, também podem ser pouco abordada ou nunca sequer mencionada, uma vez que dependem dos docentes, de seus interesses teóricos e historiográficos, de seus compromissos socioculturais. A princípio, isto pode acontecer com a arte de qualquer região ou momento histórico. Assim, no limite, é possível imaginar uma situação na qual nunca se veja, por exemplo, a arte da África, ou a da Europa.

Além disso, as disciplinas dedicadas especificamente a Estética, Teoria da Arte e Historiografia da Arte permaneceram centradas na produção ocidental. Ou seja, esse currículo propõe a reflexão da arte em todo o mundo, embora sem visar totalizações, de modo descentrado, não linear, nem evolutivo. Contudo, o quadro de referências teóricas continua dominado pelo cânone ocidental.

Nos estudos para implantação das ementas, logo sobressaiu a carência de títulos publicados em português e também em outras línguas que pudessem subsidiá-la. Os manuais de História da Arte existentes e disponíveis em português<sup>9</sup> seguem, com algumas diferenciações, a linha cronológica homogênea e evolutiva do historicismo, sendo centrados na arte do Ocidente. A produção historiográfica no Brasil não é muito diferente. Salvo engano, é possível indicar apenas quatro obras abordando a História da Arte em sua extensão mundial que foram escritas e publicadas no país. Todas são realizações individuais, obras calcadas no modelo historicista, apresentando um panorama centrado na arte ocidental da pré-história ao presente.<sup>10</sup>

A existência de textos em português é de crucial importância em um contexto de formação profissional no qual grande parte dos estudantes não dominam ao menos uma língua estrangeira. Assim, alguns docentes do Departamento de Teoria e História da Arte da Uerj realizaram um projeto que, agregando docentes e discentes do pós-graduação em História da Arte da Uerj, mais docentes e discentes de outras universidades no Estado do Rio de Janeiro, no Brasil e no exterior, realizou um seminário com vistas a produção de um livro. Intitulado História da Arte – Ensaios Contemporâneos, o livro foi publicado em 2011.

Esse livro propõe, seja na diversidade de pontos de vista de sua rede de autores, seja nos momentos e lugares analisados nos textos, a apresentação de uma

história da arte multifocal, entendida como um campo diversificado e aberto quanto a seus objetos e questões, bem como a seus diálogos com outros campos disciplinares, em acordo com as premissas antes expostas.

O livro divide-se em seis seções, cada qual focada em um dos pares de conceitos que estruturam o citado currículo. Em cada seção, são apresentados ensaios produzidos por pesquisadores que, tanto no que tange às suas formações quanto em relação aos temas aos quais se têm dedicado, constituem um grupo heterogêneo, cujos campos de atuação englobam a história das artes plásticas ou visuais (pintura, escultura, desenho, fotografia, cinema, vídeo), do desenho industrial, da arquitetura, do paisagismo e do urbanismo, e ainda articulações com outros campos de conhecimento – antropologia, cultura visual, letras, semiologia.

Cada autor, em seu capítulo, devia seguir diretrizes similares às que os docentes devem adotar nas disciplinas do curso na Uerj. A noção de ensaio, que aparece no título, é importante na medida em que pressupõe a ideia de experimentação e se opõe a sistemas e métodos restritivos, fechados. O termo contemporâneo, também presente no nome do livro, não está, em absoluto, vinculado a uma preferência estética, a uma determinada noção de estilo ou a um período histórico predeterminado, mas, contrariamente, sinaliza o reconhecimento de que a experiência atual da arte, compreendida em sua vitalidade essencial, constitui o fundamento de toda a compreensão da arte e da cultura, seja ela produzida recentemente ou antes.

O livro inclui, ainda, uma seção com verbetes redigidos por estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação da Uerj, cujos temas foram especificados a partir dos conteúdos dos ensaios, devido a necessidades de complementação ou de esclarecimento nocional. Realizados por encomenda dos editores do livro ou propostos pelos próprios autores, os verbetes formam um quadro bastante heterogêneo. Por vezes referem-se a um determinado contexto cultural, dialogando com as presenças e ausências dos textos. Outros se relacionam a conceitos, temas, meios artísticos ou problemas plásticos relevantes para a história da arte hoje. Dessa forma, em sua assumida falta de sistematicidade, produzem outras ordens de cruzamento, propondo olhares transversos sobre os demais textos.

Intermediando as seções desde a capa do volume, há intervenções visuais do artista Ricardo Basbaum, e uma apresentação do poeta e crítico Roberto Corrêa dos Santos, iluminando conceitualmente as discontinuidades que compõem o livro.

Mas vocês podem estar se perguntando se os objetivos foram efetivamente alcançados. Conseguiu-se evitar o historicismo? Constituiu-se uma história da arte não focada na cultura ocidental? Foi produzida uma história da arte sem centros e margens?

Com relação ao disciplinas na Universidade, no breve período em que o novo currículo tem sido praticado, os docentes têm persistido com a estruturação dos programas focando principalmente na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil.<sup>11</sup> Algo semelhante ocorre no livro, no qual 75 % dos textos se referem à arte na Europa, 40,4% ao Brasil, 30,8% à Ásia, 26,9% aos Estados Unidos, 21,1% à África, 11,5% ao restante da América Latina, e 3,8% à Oceania. Com relação ao tempo, 94,2% dos textos se referem à idade contemporânea, 53,8% à idade moderna, 40,4% à antiguidade, 30,8% à idade média e 3,8% à pré-história.

Apesar de partir de outro ponto de reflexão e ação, o Brasil, continua sendo ensinada e escrita uma história da arte centrada na Europa e na qual as realizações artísticas das demais regiões ocupam posições secundárias e marginais. Não deixa de ser algo original a elaboração de uma história da arte de alcance mundial a partir de múltiplas visões, ainda que predominantemente brasileiras. Mas persiste como problema que o centro seja reiterado, um tanto provincianamente, a partir da margem. Algo similar aos diagramas fetios por Ricardo Basbaum, que ele próprio observa serem ainda pouco globais.

Desse modo, o volume não deixa de revelar alguns impasses da historiografia da arte no Brasil. A produção dessa história da arte ocidental com ênfase no Brasil é compreensível se pensarmos que, em sua maioria, os pesquisadores no país dedicam-se à história da arte no Brasil, e que esta é pensada em relação, sobretudo, com a Europa e, em segundo grau, aos Estados Unidos. Assim, permanecem distantes, em maior ou menor grau, das demais regiões, especialmente, dos contextos historiográficos da América Latina, da África e da Oceania.

Por um lado, pode-se questionar se é plenamente viável a ideia de total descentramento e se é possível escapar da posição hegemônica do Ocidente no campo artístico. A princípio, a partir do Brasil, hoje, parece mais fácil querer do que efetivamente abandonar a centralidade da arte ocidental.

Por outro lado, vale pensar que um currículo e um livro podem ser concebidos menos como realizações totalizantes e mais como momentos de passagem. Em vez de conter o todo, currículo e livro são construções parciais, transitórias, que se abrem sem pretensões de almejar as inatingíveis totalidade e atemporalidade.

Nesse sentido, vale observar como o livro é inevitável e felizmente assimétrico, permitindo que os ensaios e, conseqüentemente, as seções variem de acordo com necessidades e potencialidades de conteúdo, de modo a evitar seriações uniformes e totalizações. Talvez essa assimetria qualifique, igualmente, os próprios cruzamentos temporais e espaciais desenvolvidos nos diferidos ensaios. Algumas vezes, as diretrizes do currículo e do livro são desafios enfrentados pelos pesquisadores que, até então, não haviam lidado com esse problema em suas investigações, mas que se sentem instigados a fazê-lo e produzem nexos históricos e culturais novos e inspiradores. Outras, são ainda um horizonte distante ainda a ser alcançado, porém imantado pela vontade de contribuir, a partir de nosso lugar cultural e histórico, para a constituição de uma possível história da arte de alcance mundial. Assim, currículo e livro corroboram, em sua própria estrutura, seu sentido aberto a outros ensaios e experiências.

Com efeito, o currículo continua sendo experimentado. Assim, continua-se revendo a orientação teórico-crítica, e repensando a grade conceitual das ementas de História da Arte do curso de graduação em História da arte da Uerj. E outro projeto de seminário e livro vem sendo organizado, desde o ano passado, como um desdobramento crítico do primeiro, estabelecendo conexões na América, especialmente com historiadores da arte na América Latina.<sup>12</sup> Que a imagem proposta pelo artista Cezar Bartholomeu para o segundo livro, com sua mistura não facilmente perceptível de referências, brilhos e sombras, ilumine a constituição de uma história da arte mundial em aberto.

**Roberto Conduru** é Historiador da arte, professor na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Procientista Uerj, Cientista do Nosso Estado Faperj, pesquisador do CNPq.

---

<sup>1</sup> Versão em português, com acréscimo de algumas notas de atualização, do texto apresentado no 33º Congress of the International Committee of the History of Art, em Nurembergue, Alemanha, em 2012, e publicado nos anais do evento, no ano seguinte. CONDURU, R., “Eccentric essays. Teaching and writing an worlwlde art history at the Rio de Janeiro State University”. In: GROSSMANN, U.; KRUTISCH, P. (editors), *The Challenge of the Object. 33º Congress of the Internation Committee of the History of Art. Congress Proceedings – Part 4.* Nürnberg: Verlag der Germanischen Nationalmuseums, 2013, pp. 1492-1495.

2 CAMPOS, M.; BERBARA, M.; CONDURU, R.; SIQUEIRA, V. B. (organizadores), *História da Arte – Ensaios Contemporâneos.* Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

3 Sobre a história do curso, ver: CONDURU, R., “Da ausência à incerteza – África, história da arte e ensino superior no Rio de Janeiro desde 1961”. In: CONDURU, R., *Pérolas negras – primeiros fios.* Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, pp. 355-366; GERALDO, S. C., “O Curso de História da Arte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro”. In: TERRA, C. (org.), *I Encontro de História da Arte – EBA/UFRJ.* Rio de Janeiro: EBA-UFRJ, 2011, pp. 71-80; SIQUEIRA, V. B., “Curso de Bacharelado em História da Arte – UERJ”. In: CONDURU, R.; SIQUEIRA, V. B. (orgs.), *Anais do XXIX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte.* Rio de Janeiro: CBHA, 2009, pp. 67-76.

4 Para compreender a demora na criação de cursos superiores autônomos de formação acadêmica em história da arte, para além da existência de disciplina de história da arte em cursos dedicados a outros campos do conhecimento, é preciso considerar os percalços da universidade brasileira, seu surgimento tardio em relação a outros contextos, mesmo na América Latina. É necessário ter em mente a histórica predominância de diretrizes utilitárias, pragmáticas, tecnicistas no ensino superior no país. Além desses fatores, há as insuficiências do sistema das artes plásticas (agentes, instituições, idéias, práticas) na cultura brasileira, na qual tem participação menos determinante do que os da música e da literatura.

5 Em sua maior parte, as informações reunidas sobre o referido curso provêm do Processo UERJ 605/DAA/1980, Arquivo Dep/SR-1. Foi consultado, também, ROSEMBERG, L. R. B., “Nova proposta curricular da Uerj e a criação do Instituto de Arte: novo milênio, nova visão”. In: SOUZA, D. B. de; FERREIRA, R. (orgs.), *Formação de Professores na Uerj: Memória, realidade Atual e Desafios Futuros.* Rio de Janeiro: Uerj-Edu-Nupe, 2001, pp. 229-234.

6 Em 2009, tiveram início os cursos de bacharelado em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); em 2010, começou o curso de bacharelado em História da Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); em 2012, teve início o curso de bacharelado em Teoria, Crítica e História da Arte da Universidade de Brasília (UnB).

7 No DTHA-Art-Uerj, em 2005, o grupo de docentes era constituído por Luiz Cláudio da Costa, Maria Barbara, Ricardo Basbaum, Roberto Conduru, Roberto Corrêa dos Santos, Sheila Cabo Geraldo e Vera Beatriz Siqueira.

8 No DTHA-Art-Uerj, em 2007, o grupo responsável por essas modificações era constituído por Leila Danziger, Luiz Cláudio da Costa, Marcelo Campos, Maria Barbara, Ricardo Basbaum, Roberto Conduru, Roberto Corrêa dos Santos, Sheila Cabo Geraldo e Vera Beatriz Siqueira.

9 BAUMGART, F., *Breve História da Arte (1972).* São Paulo: Martins Fontes, 1994; BELL, J., *Uma Nova História da Arte (2007).* São Paulo: Martins Fontes, 2008; FAURE, É., *História da Arte (1919-1921).* São Paulo: Martins Fontes, 1990; GOMBRICH, E. H., *História da Arte (1950).* São Paulo: Círculo do Livro, 1972; JANSON, H. W., *História da Arte (1962).* São Paulo: Martins Fontes, 1986; HAUSER, A., *História Social da Arte e da Literatura. (1953).* São Paulo: Martins Fontes, 1995.

10 CAVALCANTI, C., *História das Artes.* Rio de Janeiro: J. Ozon, 1963; BATTISTONI FILHO, D., *Pequena História da Arte.* Campinas: Papirus, 1984; PROENÇA, G., *História da Arte.* São Paulo: Ática, 1989; RIBEIRO, C. F., *História Crítica da Arte.* Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

11 Arquivo DTHA-Art-Uerj.

12 O livro foi editado em 2014: BERBARA, M.; CONDURU, R.; SIQUEIRA, V. B. (organizadores), *Conexões – Ensaios de História da Arte.* Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.